



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Newsweek

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 09 de setembro de 2009

Jornalista: Essa pauta, como já foi escrita, é uma pauta que surgiu dos meus editores, que ficaram impressionados, em primeira mão, com os seus índices de popularidade. Qualquer político sabe que índices sobem e descem. Só que, ao longo de seis anos e meio, o senhor mantém índices incríveis para qualquer político. Obama que o diga. Agora, qual é a sua explicação para essa constância na popularidade?

Presidente: Olhe, primeiro, é importante que você tenha certeza de que eu sou um homem que não me preocupo com pesquisa. Eu comparo muito a pesquisa à pressão arterial, ou seja, tem hora que ela está um pouco alta, você toma um comprimidozinho e ela baixa; tem hora que ela está muito baixa, você toma um comprimido, ela sobe. O que você precisa é se cuidar, para manter uma pressão média que seja razoável para a tua idade e para o teu peso.

A política é a mesma coisa. Ou seja, a política, se é uma política falsa, que você tem uma publicidade, em que essa publicidade não combina com a veracidade das coisas que você faz, a pesquisa dura um certo tempo. Mas se você tem uma política constante, e essa política vai sendo sedimentada dia a dia, os resultados dessa política vão sendo visíveis para o povo, independentemente do foco que a imprensa der sobre o governo.

Eu vou dar um exemplo: o programa Luz para Todos é uma coisa tão real que não tem matéria no mundo que consiga desfigurar o programa Luz para Todos; o programa Bolsa Família é uma coisa tão real que não tem nada que possa desfigurar o programa Bolsa Família. Por quê? Porque as pessoas estão recebendo o benefício, as pessoas estão vivendo o benefício.



Os investimentos na Educação que nós estamos fazendo, veja... eu comparo o que nós estamos fazendo com o século, eu não comparo com o Fernando Henrique Cardoso. Se você imaginar que, em cem anos, foram feitas no Brasil 140 escolas técnicas e que nós, em oito anos, vamos entregar 214, significa que em oito anos nós fizemos uma vez e meia o que foi feito em um século. Se você imaginar que nós já fizemos 12 universidades novas, que nós já fizemos 104 extensões universitárias, levando faculdades para todos os cantos deste país. Se você imaginar que o ProUni colocou 545 mil alunos na escola, quase todos da periferia, e 40% negros. Se você imaginar que o Reuni dobrou o número de alunos nas escolas federais. Ou seja, nós tínhamos uma média histórica de 113 mil alunos por ano, e depois do Reuni nós já colocamos 227 mil alunos. Praticamente nós dobramos o número de ingressos na universidade federal.

Tudo isso é tão perceptível na cabeça das pessoas que recebem o benefício, que não vão mudar com discurso contra ou a favor. E o que é importante? É que quando nós lançamos uma obra como o PAC, quando nós damos salário mínimo, quando nós damos... isso termina quase sendo indiscutível porque as pessoas estão vendo as máquinas trabalharem, as pessoas estão recebendo o benefício da água, as pessoas estão recebendo o benefício das casas, as pessoas estão recebendo... concretamente, eles estão “apertando” as coisas que o governo está fazendo.

Eu acho que isso é que deu uma certa constância na sustentabilidade do governo nas pesquisas de opinião pública ao longo de seis anos e meio. Obviamente que nós estamos chegando em um ano eleitoral, e em ano eleitoral as coisas mudam porque você tem adversários, porque você tem gente que vai procurar os defeitos, que não vai mostrar isso tudo. Então, eu sei que isso oscila, mas eu acho que na média – eu falo isso com muita convicção –, eu acho que na média o governo vai terminar muito bem. Acho que o governo vai terminar em uma condição extremamente favorável o meu



mandato porque tem muita coisa que ainda não aconteceu, tem muita coisa que ainda não aconteceu. Por exemplo, o pré-sal, acabamos de mandar o marco regulatório para o Congresso Nacional, que é uma coisa extremamente importante.

Em janeiro de 2010 eu vou fazer um PAC para 2011-2015, um novo programa de incentivo ao crescimento econômico, já pensando na Copa do Mundo. Eu pretendo fazer uma consolidação de todas as políticas sociais do governo ainda este ano, para mandar para o Congresso no ano que vem. Não ficar a política do governo Lula, mas transformar em lei para que isso seja uma política de Estado e que os benefícios sejam garantidos para a sociedade.

Então, eu penso que essas coisas todas garantiram uma certa compreensão média da sociedade sobre o papel do governo. Obviamente que eu tenho consciência de que nós ainda temos muito o que fazer no Brasil. Eu acho que nós levaremos duas décadas para resolver os problemas mais graves deste país, e a minha expectativa é que se nós tivermos a quantidade de petróleo que achamos que vamos ter e a gente não jogar o dinheiro fora como se jogou em alguns países, mas direcionar esse dinheiro para atender os problemas que eu coloquei como prioritários no meu discurso – educação, ciência e tecnologia, meio ambiente, combate à pobreza e cultura –, eu penso que nós temos 20 anos muito promissores para o Brasil. Não sei se estarei vivo, mas certamente o Brasil tem uma oportunidade excepcional com a descoberta do petróleo.

Jornalista: Eu quero chegar ao pré-sal no Brasil, mas ainda insistindo nessa questão. Os mesmos índices que lhe dão apoio fenomenal, dão muito menos ao seu governo. Quer dizer, são muito mais para a sua pessoa do que para o seu governo. Alguma explicação para isso?

Presidente: Olha, primeiro, é natural e normal que em um regime



presidencialista, o presidente esteja sempre à frente do governo porque ele é a figura mais visível, ele é... o presidente é a cara do governo. Então, muitas vezes as pessoas têm uma compreensão melhor do presidente... até por causa da minha relação com a sociedade brasileira. Eu tenho uma relação, com uma parcela da sociedade, que é histórica. No dia em que o governo estiver muito à frente do presidente, esse presidente cai. O governo não pode estar à frente do presidente. É muito difícil você imaginar que um governo esteja bem e que o presidente esteja mal. Se isso acontecer, significa que o presidente não representa mais o governo. Então, se for no parlamentarismo, ele cai logo. Se for no regime presidencialista, ele vai sofrer muito, e aí sofre todo o governo.

Eu acho que essa questão da imagem do presidente é em qualquer lugar do mundo. Sempre que fizer uma pesquisa, o presidente vai aparecer melhor do que o governo, sempre. Agora, a verdade é que o meu governo está com um índice poucas vezes visto na história deste país. Não são cinco dias, são seis anos e meio. Tem muitos casamentos que não duram seis anos e meio, e o nosso casamento com a sociedade brasileira está durando seis anos e meio, e muito forte.

Eu acho isso importante porque isso termina sendo uma coisa muito estimulante para a sociedade brasileira. Este país é um país que precisa recuperar sua autoestima, precisa recuperar o seu orgulho. Eu acho que as coisas estão acontecendo. Eu acho que eu estou apenas dando um passo. Eu espero que quem venha depois de mim dê os passos seguintes e que a gente possa, nos próximos 20 anos, transformar o Brasil numa grande economia.

Jornalista: Fala-se muito, inclusive o senhor, em algumas ocasiões, sobre a “herança maldita”. Queria perguntar sobre a “herança bendita”, porque um dos males de países em desenvolvimento, alguns aqui na América Latina, tem sido que o novo líder desfaz o que o seu antecessor fez. Queria saber qual foi a herança mais importante que o senhor recebeu do governo anterior.



Presidente: Olhe, eu penso que o governo anterior teve méritos, por exemplo, na estabilização da economia. Mas teve o demérito de trocar a estabilidade econômica pela reeleição do presidente, mandando a reeleição para o Congresso Nacional, e teve o demérito de não saber o momento exato de você fazer as mudanças cambiais que precisavam ser feitas no Brasil.

Na verdade, a mudança foi feita de forma abrupta pelo mercado, em que muita gente quebrou, porque muita gente estava trabalhando com o dólar paridade um a um e, de repente, vai para quatro contra um. Ou seja, teve muita gente que foi dormir rica e acordou quebrada, acordou pobre. Então, eu acho que esse foi o grande demérito do governo passado. E também uma coisa que eu não concordo com o governo passado é o processo de privatização feito de forma, eu diria, muito duvidosa no Brasil.

Agora, veja que eu, quando tomei posse, eu tomei consciência de que eu não poderia ficar brigando com o governo passado. Eu tinha que governar. Eu tinha consciência de que eu só tinha quatro anos de mandato e que, em vez de ficar brigando com o governo passado, eu tinha que fazer o meu governo. Eu não seria julgado pelas críticas que eu fazia ao governo passado, porque eu já tinha ganhado as eleições.

Depois de ganhar as eleições, eu precisaria era garantir que as coisas acontecessem para o futuro. E foi essa a minha dedicação, foi essa a minha dedicação, de garantir que o Brasil desse um salto de qualidade porque eu sempre trabalhei com a ideia. Em um mandato de quatro anos, se eu perder tempo fazendo briga política com o governo passado, quando eu perceber, terminou o meu mandato e eu não fiz o que tinha que fazer. Eu não fui eleito para fazer críticas ao governo passado. Eu fui eleito para trabalhar e me pus a trabalhar.

Foi uma situação difícil porque a gente não tinha crédito externo; nossas reservas eram baixíssimas; trabalhávamos com reservas colocadas aqui pelo



FMI, de US\$ 30 bilhões; a inflação, com sinais muito fortes de retorno; a economia um pouco trancada. Nós tivemos que fazer muitas mudanças no Brasil para que as coisas acontecessem e elas aconteceram. Eu acho que o mérito é um pouco meu, do governo passado, do governo retrasado. Acho que todos os que passaram deram um mínimo de contribuição. Nós não paramos nenhuma obra que estivesse em andamento, nós não deixamos de fazer nenhuma coisa que precisava fazer porque era desse ou daquele governo. Nós tratamos de governar o Brasil e eu acho que o resultado foi benéfico para o Brasil.

Jornalista: Só um parêntese sobre privatização. O senhor falou de certas dúvidas sobre o processo. No entanto, o que se vê são alguns ganhos importantes. O senhor passa nas ruas e vê pessoas mais ou menos com telefone celular. Vale do Rio Doce é um outro exemplo. Onde que deu errado a privatização...

Presidente: Veja, mas isso o Estado poderia fazer.

Jornalista: Mas não fez.

Presidente: Não fez porque a elite brasileira utilizava empresas públicas para ela própria. Vamos ver o que aconteceu quanto à Petrobras quando nós chegamos ao governo. A Petrobras investia menos de 250 milhões por ano em pesquisa. Ora, quem investe pouco em pesquisa não colhe. Nós, hoje, estamos investindo quase R\$ 1 bilhão por ano em pesquisa. O pré-sal não foi um golpe de sorte. Foi um investimento. Fazia mais de 20 anos que a Petrobras não fazia uma refinaria. Nós decidimos fazer quatro refinarias novas.

Você pega, por exemplo, a companhia Vale do Rio Doce e outras companhias. O minério estava aí, o minério é nosso. Nós não tivemos que



inventar minério. Era só utilizar a Vale do Rio Doce, enquanto empresa pública, que ela teria feito o que qualquer empresa faz no mundo. Agora, quando você utiliza a empresa em benefício do Estado ou o Estado não investe dinheiro na empresa, ela vai quebrar em qualquer lugar do mundo.

Então, eu penso que as privatizações foram, na minha opinião, um equívoco. Aí é um posicionamento ideológico meu. A Embratel era uma empresa de altíssima qualidade, era só ter investido corretamente. Agora, de qualquer forma, eu também não sou daqueles que ficam... você nunca me ouviu falar em reestatizar qualquer empresa, porque o que está feito, está feito, e vamos tocar o barco para frente. Foi assim que eu resolvi governar o País e eu acho que deu certo, eu acho que deu certo.

Jornalista: Falando de dar certo, queria falar sobre o Brasil no mundo que, há poucos anos – eu acho que eu posso dizer quando o senhor assumiu – o Brasil ainda era considerado um dos derradeiros, o derradeiro dos Brics, e um país em desenvolvimento, sub – como se diz? – realizado. Isso mudou? Se vê pelas manchetes, pela sua... pela receptividade que o senhor recebe lá fora, o que fez mudar a percepção do mundo para com o Brasil?

Presidente: Olhe, a primeira coisa é que eu acredito que nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor que não se respeite. O Brasil sempre se comportou como se fosse um país de segunda categoria. Nós vivíamos debruçados em alguns slogans, que nós éramos o país do futuro ou que nós éramos o celeiro do mundo, e essas coisas não eram transformadas em coisas concretas. O que nós resolvemos fazer? Primeiro, no mundo globalizado, no mundo globalizado, você não pode ficar parado esperando que as pessoas venham aqui para o Brasil valorizar o Brasil. Você é que tem que viajar e valorizar o teu país.

Você está lembrado da quantidade de críticas que eu fiz... que eu recebi



quando eu comprei um avião. Está lembrado da quantidade de críticas que eu recebi. Entretanto, como é que um país do tamanho do Brasil, com a importância que tem o Brasil, vai fazer política externa se o presidente da República, os seus empresários, os seus ministros, não se apresentam ao mundo com a grandeza que eles têm? Eu utilizava sempre a imagem de um mascate. É a imagem mais forte que eu vejo. A relação comercial entre Brasil e Estados Unidos, entre Brasil e Alemanha, entre Brasil e Europa, é uma relação comercial que tem crescido 20% ao ano, mas o poder de nós vendermos produtos manufaturados para esses países é menor do que a gente vender para outros países na América Latina, na África, no Mundo Árabe, nos países asiáticos, porque o mundo desenvolvido é altamente eficiente do ponto de vista tecnológico. Eles produzem coisas mais sofisticadas do que nós. Então, se a gente ficar tentando vender os nossos produtos para esses países, a chance de ter acesso ao mercado é menor. Entretanto, a gente vendia muito o quê? Vendia muito *commodities* para essa parte do mundo. Qual foi a decisão que nós tomamos? Você não vê um mascate que sai com uma sacola de roupa, vender roupa em Copacabana ou na Avenida Paulista. Ele vai vender na periferia.

Então, nós tomamos algumas decisões: priorizar a recuperação do Mercosul, priorizar a relação do Brasil com a América do Sul e com a América Latina, priorizar a relação com a África, entrar no Oriente Médio fortemente. Antes de mim, a maioria dos países árabes só tinha sido visitado por Dom Pedro II, em 1846 e 1847. Se um país tem intenção de vender, intenção de comprar, e você não sai para fora para estimular, para as pessoas conhecerem, para fazer reuniões empresariais, para discutir e descobrir oportunidades, você não consegue dar um salto de qualidade.

Então, o que aconteceu com o Brasil, na verdade? Veja, nós hoje temos uma balança comercial muito diversificada, muito diversificada, não apenas em produtos, mas também em países, e isso nos deu uma garantia, inclusive na



crise, de sofrer menos do que aqueles países que tinham todas as suas exportações voltadas para um único bloco ou para um único país.

Segundo, nós resolvemos atuar politicamente. Aqui, a orientação no meu governo é que os ministros viajem o máximo possível para conversar com os seus pares em outros países do mundo, para que a gente descubra oportunidades para as nossas empresas fazerem coisas, para que a gente descubra oportunidade de vender e de comprar, para que a gente estabeleça parcerias estratégicas com outros países. Ou seja, para que o Brasil não fosse visto como um país de terceiro mundo, uma coisa menor, uma coisa apenas da Amazônia. Era preciso saber que este país aqui tem a Amazônia, mas ele produz avião; ele tem a Amazônia, mas ele produz telefone celular. Quando eu cheguei no governo, a Petrobras achava que o Brasil não tinha condições de produzir plataformas, e hoje 75% dos componentes das plataformas são produzidos no Brasil. Basta que a gente queira. Em vez de eu encomendar em Cingapura, eu tenho que convencer empresas de Cingapura a virem montar fábricas no Brasil.

Aqui predominava uma visão, que era a visão do seguinte: bom, se eu comprar lá fora, eu vou pagar US\$ 100 milhões mais barato. E, por conta de US\$ 100 milhões mais barato, eu comprava lá fora. Então, a discussão começou a ser a seguinte: o que significa a empresa ter US\$ 100 milhões de lucro porque pagou US\$ 100 milhões a menos, mas o que significa fazer um investimento de US\$ 1 bilhão dentro do Brasil? O que significa de imposto para o Estado, o que significa de salário para os trabalhadores, o que significa no comércio, o que significa de aprendizado tecnológico? Então, nós fizemos essa opção, e agora nós vamos fazer uma grande indústria petrolífera no Brasil.

Então, eu penso que isso deu ao Brasil uma maior respeitabilidade em nível internacional. Depois, a compreensão do mundo desenvolvido, também, que eles começaram a compreender que os problemas estavam ficando tão graves, que eles sozinhos não tinham condições de resolver. A nossa



participação no G-8... o Brasil foi convidado a primeira vez em Evian, em 2003.

E aí você vai estabelecendo essas relações, que eu acho que hoje é uma relação consolidada. A nossa briga na Organização Mundial do Comércio, a nossa briga pela mudança, pela reforma das Nações Unidas. Nós ainda não conseguimos, mas nós temos feito um trabalho muito grande para que isso aconteça, e tudo isso vai dando respeitabilidade ao país.

E depois, o sucesso da política interna brasileira. O Brasil é um país com instituições democráticas, consolidadas. O Brasil é um país que, nessa crise econômica, deu lições ao mundo desenvolvido de como enfrentar a crise. Enfrentamos a crise com muita competência. Eu dizia que o Brasil seria o último a entrar e que seria o primeiro a sair, e os fatos estão dados, estão acontecendo.

Então, acho que tudo isso criou uma relação amistosa entre o Brasil e outros países. E hoje o Brasil é tratado em igualdade de condições com os outros países.

Jornalista: Antes da crise, os investidores estavam muito voltados à questão de retorno que, em alguns mercados, era muito mais atrativo do que, por exemplo, no Brasil. O senhor acha que a crise, do jeito que o Brasil navegou essa crise, mudou um pouco esse conceito? Valorizou um pouco mais o que o Brasil tem – o senhor falou – de instituições?

Presidente: Eu acho. Eu vou lhe contar um exemplo: no primeiro momento da crise, as matrizes da indústria automobilística brasileira, o que fizeram, na verdade, foi dar ordem para as empresas brasileiras diminuírem a produção, diminuírem o estoque e mandarem reservas para lá. Num segundo momento, eles começavam a chamar os diretores das empresas brasileiras para irem nos seus países dizer qual era o milagre que tinha acontecido aqui, que a indústria tinha se recuperado tão rápido.



Ora, não tinha milagre. Nós tínhamos um mercado interno forte, nós tínhamos um povo que tinha vontade de comprar um carro. O que nós fizemos? Reduzimos uma parte do imposto e fizemos as empresas fazerem com que as prestações fossem adequadas ao poder aquisitivo da sociedade. O que aconteceu? Nós estamos batendo recorde atrás de recorde na venda de automóveis no Brasil. Fizemos o mesmo para geladeira, para fogão, para máquina de lavar roupa. Fizemos o mesmo para computador, fizemos o mesmo para construção civil.

Ora, se todos os países tivessem feito isso com a rapidez que Brasil e China fizeram, certamente o mundo poderia ter saído da crise muito mais rápido. Não é que a crise já acabou, não é que a crise já acabou. É que eu acho que ela está dando sinais de que já não tem mais a força que tinha. E sobretudo os países mais ricos, que são responsáveis pela crise, já baixaram um pouco a tensão e começam a dar sinais de recuperação.

Se eu disser para você que este ano nós vamos chegar a um milhão de empregos criados no Brasil, você pode não acreditar. Mas aguarde os números de dezembro, que você vai ver quantos empregos formais nós criamos no Brasil este ano.

Jornalista: Há algumas lições nisso, exemplos nisso para os outros países?

Presidente: Olhe, eu acho que a grande lição que fica para todo mundo é a seguinte: o Estado não é tão desprezível quanto se propagandeou na década de 80 e na década de 90, porque nessas duas décadas se gestou a teoria de que o Estado não prestava para nada, de que o Estado só atrapalhava, de que bom mesmo era o mercado. Essa crise mostrou que, num piscar de olhos, o mercado quase quebra o mundo e quem apareceu para salvar foi o Estado, que não valia nada.

Então, qual é a lição que fica? É que nem nós queremos um Estado



gestor, nem nós queremos um Estado omissivo. O que nós queremos é um Estado indutor e um Estado regulador. Por exemplo, quando, nos Estados Unidos, os bancos tinham facilidade de alavancar até 35 vezes o seu patrimônio líquido, era fácil compreender que ninguém pode emprestar a vida inteira o que não tem, e que uma economia não pode crescer se o sistema financeiro, ao emprestar dinheiro, aquele dinheiro não gerar um produto, não gerar um bem material, que é isso o que faz a economia crescer.

Eu espero que essa lição tenha sido a grande lição do nosso tempo. Ou seja, de que o Estado tem um papel importante, de que o Estado pode ser o grande regulador, o Estado pode ser o grande indutor, e trabalhar em uma harmonia entre iniciativa privada, Estado e sociedade.

No Brasil, graças a Deus, nós tínhamos um sistema financeiro mais sólido, no Brasil nós tínhamos bancos públicos que têm um papel importante no crédito brasileiro – BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal – e foram esses bancos que ajudaram que a crise aqui não fosse tão grave quanto foi nos países mais ricos.

Jornalista: Não foi também que o mercado brasileiro é extremamente sólido em função de ter aguentado crises passadas? Inclusive, o senhor falou da diversidade da pauta exportação. Isso é mérito do governo ou é do setor privado?

Presidente: Isso é mérito do trabalho, isso é mérito do trabalho do setor privado e do governo. Eu não aceito a ideia de que quando as coisas vão bem é o setor privado, quando vão mal é o governo. Ninguém neste país, ninguém vende mais os produtos brasileiros do que eu; ninguém faz mais propaganda de empresas do que eu; ninguém faz mais propaganda do etanol do que eu; ninguém faz mais propaganda das empresas de construção civil do Brasil do que eu; em qualquer parte do mundo. Não eu enquanto pessoa; o governo, os



ministros. Porque você precisa convencer, você precisa convencer os governantes de outros países a flexibilizarem oportunidades para os empresários brasileiros. Então, eu acho que esse trabalho conjunto entre governo e empresários é que permite.

Antigamente, eu ia viajar, convidava empresários só para ver... a primeira declaração que eu dei em Angola, que os empresários brasileiros tinham que ser mais ousados e não ter medo de virar empresas multinacionais. As manchetes dos jornais daqui eram que “Lula critica empresários”. Eu não criticava os empresários, eu provocava os empresários para que eles compreendessem que uma empresa brasileira, fincar um tijolo em outro país, é uma bandeira brasileira lá. E eu fico feliz quando vejo que o Gerdau é o segundo empresário do setor siderúrgico nos Estados Unidos, eu fico feliz quando a Vale do Rio Doce é a maior empresa no Canadá, eu fico feliz quando as empresas de construção civil brasileiras, empresas de cimento, empresas de sapato, estão espalhadas pelo mundo afora. É assim que a gente constroi uma grande nação. E eu digo sem medo de errar: tenho orgulho de ser o porta-voz dos empresários brasileiros no exterior.

Eu lembro que quando o Bush veio aqui, nós fomos visitar a Petrobras, lá em Guarulhos, e ele não quis tirar fotografia perto do carro da Ford para não fazer *merchandising*. Pois eu fui lá, tirei perto da Ford, tirei perto da GM. Se tivesse a Volkswagen, eu tirava perto da Volkswagen. Ora, porque esse é o papel de um presidente da República. É carregar o que o seu país produz, nas costas, para tentar vender.

Jornalista: Um outro exemplo do Brasil em tecnologia, digamos, são essas políticas de transferência de renda, o Bolsa Família. O Brasil não inventou isso, mas talvez tenha aprimorado. Tem também no Chile, tem no México. Antes o senhor era muito crítico a isso.



Presidente: Não.

Jornalista: Falava que era vale-isso, vale-aquilo, que era assistencialismo. Em 2008 o senhor falou isso.

Presidente: Eu, antes de vir para cá, antes de vir para cá eu era sindicalista, e como sindicalista eu tinha aprendido a reivindicar e eu sabia o que era importante para o povo de um país. Veja, cada país tem suas experiências e eu não questiono a experiência de nenhum país. Os Estados Unidos têm as suas políticas sociais, a Rússia tem as suas políticas sociais, o México tem as suas, outros têm as suas. Eu criei a minha. O que eu quis dar à política brasileira foi universalidade. Não é um projeto piloto. É um projeto que atende 11 milhões de famílias, que envolve 44 milhões de pessoas. Então, não é uma experiência, é um programa. E obviamente que eu trabalho para que esse programa, cada vez mais, não seja necessário. Na hora em que a economia for crescendo, a gente for gerando empregos, a tendência natural é você diminuir a quantidade de pessoas que precisam do programa.

Eu, agora, fui ao Rio de Janeiro lançar o programa segundo passo, o Próximo Passo, que é a formação profissional das pessoas que estão ligadas ao Bolsa Família para que elas possam arrumar emprego. É assim que a gente vai cuidar bem dos pobres brasileiros. O que nós não temos é [que] dizer: “Bom, o programa vai durar um ano, o programa vai durar seis meses, o programa vai durar dois anos”. Não, o programa vai durar enquanto for necessário. A coisa mais barata em um país é cuidar dos pobres.

Jornalista: Mas o senhor não era cético antes? Em 2003 o senhor criticava os programas do governo anterior, dizendo que induzia...

Presidente: Não, qual era o programa do governo anterior? Nunca disse isso,



nunca disse isso. E o programa [governo] anterior não tinha programa de política social. Ele tinha um vale-gás, que era R\$ 15,00, e tinha um programa que dava R\$ 15,00 por pessoa, até 3 pessoas que dava, no máximo, R\$ 45,00.

Qual era o problema do programa? Não tinha cadastro. Nós levamos um ano e meio para fazer o cadastro do Bolsa Família e ainda tem problema. Porque, veja, eu não sei quem recebe o Bolsa Família, eu não cadastro ninguém, quem cadastra é o prefeito de todos os partidos políticos. O que eu sei é que, no final do mês, a pessoa vai à Caixa Econômica Federal, em uma máquina eletrônica, e tira o seu dinheirinho. Eu não sei quem é, o ministro não sabe quem é. Por quê? Porque nós temos um cadastro agora, sério, trabalhado com a Caixa Econômica Federal, e ainda assim, de vez em quando nós pegamos erro.

Então, política social, ela só dá certo se o dinheiro chegar na mão da pessoa, sem precisar depender de ninguém. Hoje, os membros do Bolsa Família, para receber seu dinheiro, não dependem de um vereador, não dependem de um prefeito, não dependem de um partido político. Ele vai à Caixa Econômica com o seu cartãozinho e tira o seu dinheiro, vai para casa e gasta do jeito que quiser.

Jornalista: Tem gerado bastante interesse esse programa, mundo afora.

Presidente: Veja, ele é tido, pelo pessoal do PNUD, como o programa de maior transferência de renda do mundo. Ele é um grande programa. Se bem que é importante ter claro: ele é um programa que visa atender a parte mais pobre da população até que a economia brasileira comece a crescer, que essas pessoas tenham oportunidade de trabalhar e não precisem mais do Bolsa Família. Agora, enquanto tiver pobre no Brasil, vivendo em condições insatisfatórias, esse programa vai continuar e vai ser aperfeiçoado.



Jornalista: Porque até agora anuncia-se com bastante destaque quando se amplia o programa. Eu não tenho ouvido quando as pessoas saem...

Presidente: Pois é, eu vou lhe convidar, então, quando eu for a um ato de saída.

Jornalista: Está certo.

Presidente: Eu vou lhe convidar para você ver o orgulho das pessoas.

Jornalista: Eu não tenho dúvida. Só que...

Presidente: Das pessoas que começam a receber um salário.

Jornalista: ...as proporções... anuncia-se a entrada aos milhões. A saída, aos milhares (incompreensível)

Presidente: Veja, deixa eu lhe contar, porque a decisão da entrada é minha. A decisão da entrada, o Ministro do Desenvolvimento Social traz para mim e eu tenho que anunciar, tenho que preparar a Caixa Econômica. A saída? Eu nem sei quantos saem. As pessoas não têm que me comunicar.

Jornalista: Mas o marco do programa é esse.

Presidente: Hein?

Jornalista: O marco do programa é esse.

Presidente: Sim. Quem é que controla isso? Na verdade, é o Ministério do



Desenvolvimento Social, que recebe quantas pessoas... na verdade, a Caixa Econômica Federal, quando sai e quando entra. A verdade é que tem saído mais gente... Nós tivemos que fazer, esses dias... Você está lembrado que nós aumentamos, nós aumentamos... a renda *per capita* era 100 e foi para 120, 130. Aí você aumenta o universo das pessoas que têm direito. Mas eu lembro que no ano passado – e aí depois você pode pedir para ele conversar com o Patrus – mais de 600 mil pessoas saíram do cadastro. Esse é um programa, na minha opinião, exemplar, do ponto de vista do seu gerenciamento, do ponto de vista do seu cadastramento e do ponto de vista do recebimento que as pessoas fazem, sem depender de favor de ninguém.

Jornalista: Nas suas viagens há muitas perguntas sobre isso ou consultas. Por exemplo...

Presidente: Não.

Jornalista: ...os governos...

Presidente: Não.

Jornalista: Não?

Presidente: Não.

Jornalista: Não há interesse em estudar esse...

Presidente: Há agradecimentos, há agradecimentos. Você pega um estado como São Paulo, mais de 1 milhão de famílias recebem o Bolsa Família. Então, todas as cidades deste país sabem que a política social está chegando no seu



estado, que aquele dinheirinho está fomentando o comércio local e está percebendo que as pessoas estão comprando mais e estão comendo mais.

Jornalista: Eu perguntei mal. Eu queria saber, nas suas viagens internacionais, se isso é uma constante.

Presidente: É uma constante. As pessoas querem saber, perguntam. Eu, agora, vou levar para o G-20 o nosso Caderno Destaques, tem aí? Nós produzimos isto aqui para os ministros e agora eu, cada reunião que eu tenho com um presidente, eu entrego... Isto aqui, mensalmente nós acompanhamos. Agora está bimensal?

_____ : Está. Este é de julho-agosto, é o exemplar mais atualizado.

Jornalista: Uma das pautas mais interessantes que eu tenho a oportunidade de cobrir, nos últimos tempos, tem sido a reversão (incompreensível) ainda mais da desigualdade no País, que era sempre um emblema, infelizmente, do Brasil, essa brecha.

Presidente: Ela tem que ser lenta, mas tem que ser constante. Veja, se eu pudesse dizer ao povo brasileiro: olha, quando a gente começar a vender o pré-sal eu vou pegar o dinheiro e vou dar R\$ 20 mil na mão de cada brasileiro, eu, em vez de ajudar a economia, eu quebraria a economia brasileira. Então, o que é importante é que haja uma coisa sistêmica que, a cada mês, a cada ano, vá melhorando um pouco, para que a gente trabalhe com a ideia de que em uma geração a gente pode resolver parte dos problemas.

Aí depois, também, ele pode dar para você – não sei se já está no Caderno... Vai sair a PNAD agora, daqui a dez... Daqui a 10 ou 15 dias vai sair a nova PNAD, que vai medir 2008, que você vai ver que é uma melhora



substancial em relação a 2007 e a 2006. Se a gente continuar, a cada ano, melhorando um pouco, eu trabalho com a ideia de que em 10 ou 15 anos você resolveu esse problema crônico do Brasil.

Agora, não pode parar, não pode parar. A cada ano você tem que fazer ou aperfeiçoar, a cada ano você tem que aperfeiçoar, a cada ano você tem que aperfeiçoar, porque é assim... Você pensa que o meu Ministro da Fazenda fica feliz quando eu falo que tem que dar aumento real para o salário mínimo? Ele não gosta. Mas o dado concreto é que nós temos o compromisso de recuperar o salário mínimo, então, todo ano você tem que dar um pouquinho a mais para quem ganha menos.

Se você conversar com o Ricardo Paes de Barros, você vai perceber que os pobres brasileiros estão crescendo como a China, e os ricos estão crescendo como o Senegal, ou seja, os pobres estão crescendo mais do que os ricos. Agora, isso tem que ser por muitos anos seguidos, até que você tenha um certo equilíbrio.

Jornalista: Tem uma geração de brasileiros que foi largada à própria sorte.

Presidente: Na verdade, duas gerações. Se você imaginar o que aconteceu no Brasil, de [19]80 até quase 2000... quando eu vejo um jovem desses, de 24 anos, sendo preso, eu fico... qual a oportunidade que esse jovem teve, na sua adolescência? Qual a perspectiva que ele teve? Nenhuma. Ele não tinha acesso à universidade. Depois você pode conversar com o Ministro da Educação. O governo passado fez uma coisa maravilhosa: universalizou o ensino fundamental. Mas esqueceu que depois do fundamental as crianças vão para o ensino médio. Então, você tem que trabalhar. Mas, aí, o Ministro da Educação pode te falar.

Então, esse jovem, ele terminava o ensino fundamental; aqueles que tinham acesso ao ensino médio, terminavam o ensino médio; aquele que ia



para a universidade, ia. Aquele que não ia, ele ficava sem continuar a estudar e sem poder trabalhar. Sem oportunidade, o que um jovem desses faz? Fica à própria sorte. Então, eu fico pensando: por que são esses jovens são presos e a gente fica discutindo porque é que ele matou? Por que a gente não discute o que fizeram com esse jovem vinte anos atrás? Qual foi a oportunidade que ele teve? Quais as políticas econômicas colocadas em prática neste país? A gente não discute isso.

Então, esse jovem, ele é vítima do esquecimento que o Estado teve para com ele. Você... quando eu for ao Rio de Janeiro, agora, no Complexo do Alemão, no Pavão-Pavãozinho e em Manguinhos, eu vou lhe convidar. Porque eu estou convencido de que resolver o problema da violência no Rio de Janeiro... você pode ocupar a favela com polícia, sim, e é importante. Mas na hora que o povo pobre estiver vendo que o município está lá no bairro, que o estado está lá no bairro, que o governo federal está lá no bairro, com habitação, com rua, com luz, com saúde, com cultura, esse povo começa a ver o Estado com outros olhos, e aí a gente começa a ter esperança de que pode mudar as coisas.

Você está convidado para ir comigo lá no... para ver o que nós estamos... para ver a revolução que a gente está fazendo em algumas favelas do Rio de Janeiro.

Jornalista: Eu queria perguntar sobre o pré-sal. Duas perguntas sobre isso. Não sei como está o seu tempo, mas...

Presidente: Meu tempo está apertado por causa do Mauricio Funes.

Jornalista: Está certo. Então, três perguntas: pré-sal e política externa (???). O Brasil deu um exemplo ao mundo como produtor de energia limpa, renovável. Ultimamente eu não ouço mais falar muito a respeito, desde o pré-sal. Queria



saber se há... onde fica o investimento e o compromisso para a energia limpa se o Brasil vai investir tanto dinheiro, que não está sobrando, no petróleo, que é a energia de ontem?

Presidente: Não. Nós vamos utilizar dinheiro do petróleo para ajudar na energia limpa. O dado concreto é que as duas coisas não são incompatíveis. O Brasil é, hoje, um dos países, se comparado ao mundo desenvolvido, que tem o maior potencial de energia limpa e renovável. O Brasil criou, no ano passado, uma empresa, dentro da Petrobras, para biocombustíveis e o Brasil ainda tem um potencial hídrico extraordinário para fazermos hidrelétricas cada vez mais sofisticadas, cada vez com menos agressão ao meio ambiente.

Então, para nós, a questão da energia renovável continua nas nossas prioridades. Logo, logo nós estaremos apresentando, aqui no Brasil, um projeto chamado Hidrelétrica-Plataforma, em que nós vamos utilizar apenas a vazão do rio, com o nível d'água máximo da sua enchente e vamos fazer com que, em volta de hidrelétrica, não fique nada. Ou seja, vamos reflorestar tudo, e a pessoa vai trabalhar na hidrelétrica como se estivesse indo trabalhar em uma plataforma no meio do mar. Vai de helicóptero, fica lá uma quantidade de dias e volta, porque a gente não quer que tenha agressão nenhuma em torno das nossas hidrelétricas. Isso está... o modelo está ficando pronto e nós vamos apresentar. Então, o Brasil tem um potencial hídrico excepcional, pouco utilizado ainda.

Segundo, nós estamos nos aperfeiçoando em energia eólica e achamos que o Brasil tem um potencial extraordinário, sobretudo no Nordeste brasileiro, de energia eólica. Nós estamos trabalhando, com os produtores de cana, a biomassa. Estamos tentando trabalhar. A Petrobras está pesquisando energia de segunda geração, biocombustíveis de segunda geração, o que é uma coisa extremamente importante para um país que tem o potencial de florestamento que tem o Brasil.



Então, não saiu das nossas prioridades a energia limpa, até porque eu acho que o Brasil tem responsabilidade de, cada vez mais, mostrar ao mundo que é possível você não precisar utilizar energia que polui o mundo. Então, a nossa matriz energética vai ser cada vez mais limpa.

Jornalista: E o Brasil vai se comprometer, em Copenhague, com metas de redução de CO²?

Presidente: Nós queremos construir, com os outros países, uma proposta que seja compatível com a capacidade de cumprimento que os países têm que ter, cumprimento das decisões.

Então, veja, nós achamos... o Brasil concorda com a ideia da criação de um fundo para incentivar o sequestro de carbono aos países mais pobres, mas o País também, o Brasil também vai exigir que o mundo rico diminua as emissões de gases de efeito estufa. Porque logo, logo, nós vamos ter que entrar numa coisa chamada “padrão de desenvolvimento” e “padrão de consumo”, que não pode continuar do jeito que está. O responsável pela emissão de gases tem nome. É preciso que a gente faça uma medição histórica do que cada país tem de responsabilidade no mundo, para que cada um pague de acordo com a sua responsabilidade.

Jornalista: Mas o Brasil vai se comprometer?

Presidente: O Brasil se compromete a fazer um grande acordo. Se nesse acordo tiver metas, o Brasil está disposto a cumprir metas. Agora, eu quero ver se os outros vão cumprir metas.

Jornalista: Pré-sal. Por que mudar um modelo que tem levado o Brasil ao sucesso, que deu competitividade a mais à Petrobras, por um modelo que é



incerto?

Presidente: Primeiro, é um modelo que existe no mundo. Só existe possibilidade da política de concessão se o país não tiver certeza que tem petróleo. É assim no mundo inteiro. Na medida em que você tem um poço de petróleo, que você sabe que tem petróleo, você não precisa fazer concessão. A concessão é quase um contrato de risco para que iniciativas privadas façam investimento para ver se acham petróleo e, por isso, elas recebem uma parte.

Ora, na hora que nós sabemos que o petróleo está lá, e o petróleo nada mais é do que um produto da União, por que a gente vai dar concessão? Me diga qual o país do mundo que achou um poço de petróleo e que manteve a política de concessão.

Jornalista: O Brasil vai conseguir os investimentos pesados, além do seu Tesouro, que precisa, para os estrangeiros...

Presidente: Vamos, vamos conseguir investimento, vamos conseguir participação da iniciativa privada. Você pode ficar certo de que as grandes empresas de petróleo irão participar do pré-sal com as novas regras.

Jornalista: Última pergunta, política externa. O senhor, há um certo tempo, falou que a democracia não é uma coisa que se brinca e que a alternância de poder é muito importante, e que toda vez que um dirigente político se acha imprescindível e insubstituível, está começando a nascer um pequeno ditadorzinho. O Brasil está apoiando a candidatura da Venezuela no Mercosul, muito embora o Mercosul tenha, na sua constituição, a regra de aceitar apenas países com instituições plenamente democráticas e também que respeitam direitos humanos. A Venezuela se qualifica nessa definição?



Presidente: Me dê um exemplo de não democracia na Venezuela.

Jornalista: Trinta e quatro estações de rádio fecharam num final de semana; sindicais, como o senhor deve saber, sindicais trabalhadores reprimidos; rivais políticos perseguidos; invasão da estação de televisão por gangues ligadas ao poder.

Presidente: Não é essa a versão do governo.

Jornalista: Há alguma dúvida?

Presidente: Vamos ser francos em uma coisa, vamos ser francos em uma coisa muito clara. Primeiro, cada país estabelece o regime democrático que convém ao seu povo. Isso é uma decisão soberana de cada povo. Eu nunca questionei, nunca questionei se no parlamentarismo o primeiro-ministro pode ficar 18 anos, 14 anos, 15 anos. Nunca questionei. É uma decisão democrática do seu país, ele decide isso. Ora, agora o Uribe está apoiando o terceiro mandato. Eu, até agora, não vi ninguém criticar a Colômbia pelo terceiro mandato. Não vi.

Jornalista: Não?

Presidente: Não. Na imprensa brasileira, nada até agora. Pois bem, veja. Para mim, se o cidadão se submete a um processo eleitoral, você pode ficar certo que é uma questão de dias. No dia em que ele estiver mal, ele vai perder as eleições. Por que eu não quero um terceiro mandato? Porque o que vale para mim, vale para a minha oposição. Hoje eu quero três, amanhã eles querem quatro. Amanhã eu quero cinco, depois eles querem seis. Por isso que eu falo: não vamos brincar com a democracia. Oito anos é de bom tamanho para a



gente governar um país.

Agora, muitas vezes, a gente olha para as coisas com uma única visão. É preciso olhar... Eu, aqui no Brasil, aqui no Brasil, trato a imprensa com o respeito que eu acho que a imprensa deve ser tratada. Aqui no Brasil, nós, pelo contrário, temos aberto muitos canais de televisão e muitas coisas neste país. Agora, é preciso que a gente saiba que toda reação [ação] gera uma reação. Toda ação gera uma reação. Vamos ser francos que a elite da Venezuela também não era flor que se cheire. E vamos ser... vamos dizer o seguinte: o Chávez foi vítima de um golpe. Você não pode pedir que um homem esqueça, com rapidez, que ele foi vítima de um golpe. Ou seja, sequestraram o homem, como sequestraram agora o Zelaya. Nós não podemos permitir que isso continue acontecendo na América Latina. E o Chávez vai entrar no Mercosul com as regras do Mercosul. O Mercosul tem regras definidas.

Jornalista: Presidente, o Mercosul estabelece... para que um país possa entrar, tem que já preencher esses requisitos, o que supera a questão de interferência interna. Isso é obrigação do (incompreensível).

Presidente: Veja, os problemas internos de cada país, a gente precisa tomar cuidado, para deixar que eles resolvam. Eu tenho muita preocupação com a ingerência de um país em outro país. A Venezuela, por maioria constitucional, aprovou regras de visão democrática. Eles é que vão mudar ou não vão mudar. Não acho correto que o Brasil fique dando palpite de como devem ser as coisas no Paraguai, como devem ser as coisas na Venezuela, no Uruguai, na Argentina. Não. Cada país tem que ter soberania para definir qual é o marco regulatório da sua democracia. E vale para a Bolívia.

Do ponto de vista da relação com o Brasil, nós não temos uma restrição ao Chávez. Tem tido um comportamento muito respeitoso e muito digno com o Brasil. Temos muito investimento na Venezuela, temos muitos empresários



brasileiros trabalhando lá, como queremos que empresário brasileiro vá ao Paraguai, queremos que empresário brasileiro vá para a Bolívia. O Brasil, como maior economia deste continente, o Brasil precisa ter a compreensão de que nós temos que tomar as atitudes de incentivar o desenvolvimento dos vizinhos, porque não interessa o Brasil crescer sozinho e ter uma ilha de pobres. É preciso que a gente tenha uma certa equidade no crescimento do nosso bloco aqui, do Mercosul, da Unasul, para que todo mundo cresça concomitantemente, porque se você tiver miséria de um lado e desenvolvimento do outro, você vai ter violência, você vai ter confusão política.

Então, eu penso que o Chávez já foi testado em quatro eleições, nesses últimos dez anos. E o povo venezuelano vai aprendendo, ele vai aprendendo. Você pode ficar certo de que no dia em que eu cansar o povo... ele poderia ter me tirado já em 2006, não me tirou. Mas ele, o povo, vai amadurecendo politicamente.

O que nós precisamos é dar oportunidade para que as pessoas construam a nossa democracia corretamente. Nós somos um continente colonizado, a nossa experiência de independência, com raríssimas exceções, não foi das melhores. Os países passaram o século XX todo empobrecidos. O petróleo da Venezuela, na verdade, enriqueceu meia dúzia de pessoas e o povo continuou pobre. É a primeira vez que agora esse petróleo está sendo utilizado de uma forma a permitir que o povo tenha uma participação mais efetiva. Se está certo ou errado, o povo da Venezuela vai julgar um dia, pode ficar certo.

Agora, o que eu acho é que um país não pode mexer com a soberania de outro país. Acho que o modelo democrático dos Estados Unidos é bom para os Estados Unidos, acho que o modelo democrático do Brasil é bom para o Brasil, acho que o modelo democrático da Alemanha é bom para a Alemanha. Mas vamos deixar que os outros construam os seus modelos, porque não existe apenas um.



Jornalista: É, mas não estou aqui falando de (incompreensível).

Presidente: Agora, quando a gente fala de um fechamento de um canal de televisão, vamos ver o que esse canal de televisão fazia antes. E depois, se é concessão e venceu a concessão, o Estado tem o direito de dar ou não dar. Eu, aqui, renovo todas as concessões. E se um dia o Estado não quiser renovar? Ora, se a lei diz que é o governo e o Congresso Nacional que dão a concessão, o mesmo governo que dá democraticamente, se ele um dia não quiser dar, ele não é mais democrático? O Congresso pode reprovar.

Jornalista: Democracia é apenas eleições?

Presidente: Eu acho que é um grande indício para a democracia. A democracia, na verdade, são instituições que funcionam corretamente. Eu estou cuidando de fortalecer a democracia brasileira, e acho que cada país tem que cuidar de consolidar a sua democracia, acho que cada país. Se Cuba acha que é daquele jeito, deixa Cuba fazer. Se a Rússia acha que é daquele jeito, deixa fazer. Se os Estados Unidos acham que é assim... Eu acho, por exemplo, que os Estados Unidos não permitirem que um presidente, depois de quatro anos, possa voltar, depois de oito anos, é uma coisa que você pode se livrar de gente ruim, mas você pode perder de ter gente boa tendo oportunidade outra vez.

Eu fico imaginando, por exemplo, um cara como o Bill Clinton, que saiu da Presidência muito novo. Ou seja, você tem um político excepcional proibido...

Jornalista: Ainda tem um pé lá.



Presidente: Não, mas eu acho isso. Deixa eu te contar uma coisa em que eu acredito cegamente: as pessoas vão aprendendo, as pessoas vão aprendendo. As pessoas acreditam em muitas coisas, tentam fazer, dão cabeçada, brigam, e vai um dia que as pessoas vão aprendendo. Esteja consciente de que a América do Sul é um país [continente] que está aprendendo a consolidar a sua democracia.

Eu, quando vejo o discurso do meu companheiro Evo Morales, eu compreendo perfeitamente bem porque ele faz aquele discurso: porque o povo que ele representa é um povo que, secularmente, foi tratado como se fosse nada. Então, eu tento dar conselho, mas eu sei que é assim.

Quando eu era dirigente sindical, que eu fazia assembleia na porta de fábrica, vinham meus amigos dos Estados Unidos, vinham de Detroit, vinham meus amigos da Alemanha, da França e falavam: “Que cara sectário!”. Eu falava: eu sou sectário porque a minha realidade é diferente da tua. Se eu tivesse conquistado o Estado de bem-estar social que você já conquistou, talvez meu discurso fosse outro. E não tem outro jeito de aprender, não tem outro jeito. É a gente errando e acertando, errando e acertando, errando e acertando que a gente compreende e que a gente aprende.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que a América do Sul vive o seu momento mais rico, de gestão democrática. Temos muito para aprender ainda, temos muito para consolidar, mas...

Jornalista: Presidente, me desculpa insistir, só uma última...

Nelson Breve, Secretário de Imprensa: Quem vai decidir, Mark, é o povo do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, por intermédio dos seus representantes no Congresso. Eles é que vão decidir se o regime da Venezuela é ou não compatível com as regras do Mercosul.



Jornalista: Sim, a minha pergunta era sobre a posição do governo, e eu pergunto isso pela pauta que trouxe aqui.

Presidente: Mas então pode perguntar, querido, não tem problema.

Jornalista: O Brasil está assumindo um lugar de primeira grandeza, em assuntos internacionais. Eu acho que muita gente no mundo está olhando o Brasil para ter uma voz mais ativa, onde agora não se ouve a voz do Brasil, por exemplo, em casos... Qual a posição do Brasil para com alguns regimes que não são democráticos? Eu não falo em estilo de democracia diferente, eu estou falando de, ou é democrático ou não. Ou os direitos humanos, que transcendem a questão (incompreensível)

Presidente: Então, deixa eu lhe contar uma coisa. Se a gente for levar direitos humanos ao pé da letra, todos os países cometem deslize básico. Os Estados Unidos, manterem Guantánamo, cadê os direitos humanos? Veja, é que eu acho que todos os países têm problemas. Esse é um tema que, se você for analisar cada país, cada país tem problema.

A mesma coisa é a visão sobre democracia. Cada país chegou ao que chegou em função de muita luta, em função de muita experiência, em função de sofrimento. Foi a Revolução Francesa, foi a Guerra da Secessão, foram lutas por independência. Agora esses países estão consolidando, estão se consolidando. Você poderia perguntar: “Mas Angola tem democracia?”. Angola está construindo uma democracia, porque depois da Independência eles passaram 25 anos em uma guerra civil mais fratricida do que a luta pela independência.

Então, o que está sendo germinado no mundo, hoje, mais pobre? E eu tenho dito em todos os discursos: somente a paz e a democracia serão capazes de garantir o crescimento econômico, a melhoria da vida das pessoas.



Cada um de nós tem um jeito de ser. De vez em quando alguém pergunta para mim: “Lula, você é líder na América Latina?”. Não, ninguém me escolheu para ser líder. O líder tem que ser escolhido pelos liderados, não é pela grandeza econômica de um país ou pela pujança militar de um país que ele vai ser líder. O líder é quando as pessoas que participam do mesmo fórum escolhem você como referência. E eu tenho a certeza absoluta de que a relação do Brasil com a América do Sul nunca foi tão nítida, tão transparente e tão honesta como é agora.

Quando o Paraguai fica nervoso com o Brasil, eu compreendo as razões do Paraguai, e eu não posso ficar agredindo o Paraguai porque eles agredem o Brasil. Eu tenho que saber que o Brasil é o maior, o Brasil tem mais força, o Brasil tem mais gente, tem mais economia. Então, é como se fosse uma relação de um pai com um filho. Um pai não vai bater no filho cada vez que o filho grita com ele, o pai vai tentar conversar com o filho. Então, é assim que um país grande tem que agir com relação aos outros.

Eu disse ao companheiro Obama: “Obama, você não pode permitir... você tem que construir parceria com a América Central. Você não pode permitir que a principal potência do mundo, onde tudo acontece, tenha como vizinho uma quantidade de países pobres”. A construção daquele muro no México. São coisas tristes e que eu acho que o Obama é a chance que a gente tem de criar uma outra relação.

Jornalista: Decepciona um pouco que ele não tem...

Presidente: Não, porque ele está muito novo ainda, ele está muito, está muito... Eu sei o tempo do poder o que é. Eu sei o que foi o meu primeiro ano. Então, eu acho que o Obama tem muito tempo ainda para fazer as coisas.

Mas eu só acho isso, veja: quando o pessoal fala do Irã, não adianta a gente repetir com o Irã o que foi feito com o Iraque. Não adianta ficar isolando o



Irã. É preciso conversar com o Irã, é preciso conversar com o Irã.

Jornalista: Eu perguntei isso ao ministro Celso Amorim, ele falou que o Brasil prefere um estilo mais discreto de fazer diplomacia. A pergunta que ficou era: qual é o indicativo de que essa política mais discreta tenha surtido resultado, mudança de comportamento desses regimes fechados?

Presidente: Veja, deixa eu lhe contar uma coisa. O Oriente Médio e o Irã sempre tiveram problemas, aquela é um região sempre conflitiva. Se fosse fácil de resolver o problema, Nixon, Bush-pai, Clinton tinham resolvido o problema do Oriente Médio, e não resolveram. Eu tenho uma tese: se durante tanto tempo a gente não conseguiu resolver o problema do Oriente Médio, é preciso envolver mais interlocutores de todos os lados. No caso do Irã, começa a se apresentar ao mundo o mesmo comportamento com relação ao Iraque. Todo mundo vai ficando contra, vai isolando o Irã, quando no fundo, no fundo, nós temos que estabelecer uma política de conversa com o Irã. Qual é o meu limite para o Irã? É o limite que ele faça o que o Brasil possa fazer. O Brasil é o único país do mundo que tem, na Constituição, a não proliferação de armas atômicas. Portanto, não é um discurso de bravata do Presidente da República, é constitucional. Nós queremos desenvolver a energia nuclear para fins pacíficos. Esse é o limite que eu acho que vale para o Irã e vale para todo o mundo

Agora, eu não posso ficar antagonizando com o Irã. Precisa conversar, sentar à mesa com o Presidente, começar a conversar, discutir, porque o ser humano, na política, se ele tiver abertura para conversar, ele age se um jeito. Se ele for acuado, ele pode agir de outro jeito. Eu sou um homem que não me conformo com a Guerra do Iraque. Duas mentiras que foram contadas ao mundo e não foram desfeitas: a primeira, que tinha armas químicas no Iraque e não tinha. Então, os aliados mentiram ao mundo. E o Saddam Hussein mentiu



descaradamente ao mundo e ao seu povo, porque não teve coragem de dizer que não tinha. Ele falou tanta mentira para aquele povo, que ele não teve coragem de dizer: “Olha, gente, eu não tenho. Não vamos querer guerra, que nós vamos perder”. Ou seja, destruiu um país a troco de nada.

Então, eu acho que a gente não deve permitir que isso aconteça mais. Eu estou recebendo o Presidente do Irã aqui, e pretendo visitar o Irã no ano que vem para ter uma conversa franca. Hoje, nesse mundo globalizado, ninguém deveria querer guerra. Só tem um jeito, só tem um jeito de o nosso povo melhorar de vida. Eu, se deixar de me preocupar com o Brasil e ficar me preocupando em fazer guerra com alguém, eu estarei contribuindo para o atraso deste país por décadas e décadas.

Eu acredito muito, por isso é que o Brasil defende muito a reforma da ONU, porque a ONU não tem representatividade. A ONU hoje não representa mais o mundo. Cadê a África? Cadê a América Latina? Países da América Latina, países importantes não estão lá, ou seja, nós estamos com a mesma fotografia de [19]48. O mundo mudou muito. Então, eu espero que o presidente Obama, que o presidente Hu Jintao, que são os dois que têm uma posição mais dura com relação à reforma, tenham sensibilidade de que ela precisa acontecer, para que a gente dê à ONU a responsabilidade de fazer o papel que os países tentam fazer individualmente. Não eram os Estados Unidos que deveriam estar tentando encontrar a paz no Oriente Médio. Era a ONU, se ela tivesse representatividade.

Por isso que eu acho que essas coisas vão evoluindo. É devagar, é tudo muito devagar, porque as pessoas estão acostumadas... O G-8 não representa mais nada hoje, mas o G-8 vai continuar existindo, porque ele existe há 36 anos. Então, é difícil você imaginar acabar com o G-8, como o G-5 não vai acabar, como os Brics não vão acabar. Mas se nós respeitarmos isso e tivermos um fórum maior que deveria ser a ONU, bem representativa, que fizéssemos os grandes debates lá, a gente estaria mais tranquilo.



Eu vou terminar dizendo uma coisa para você. No encontro do G-8, no Japão, eu disse ao Ban Ki-moon – estavam lá todos os presidentes – que a ONU, essa crise econômica, a ONU é que deveria ter assumido ela. A crise, a questão climática... nós temos que ter um número de referência para todo mundo. Qual é a instituição que vai dar o número da poluição do Brasil, da Argentina, dos Estados Unidos, que seja referência para o mundo inteiro? Se cada país ficar inventando o seu número, não dá certo.

Então, a ONU deveria bancar isso. Ela não tem o PNUD? Ela não tem a OIT? Ela tem que criar mecanismo isento que se apresente ao mundo com uma seriedade, para que o número valha para os Estados Unidos e valha para o Brasil, valha para a França e valha para o Paraguai. Nós não temos isso. A Ecosoc é que discute a economia na ONU. Nessa crise, eles deveriam ter apresentado, chamado os países para discutir. Então, ela está sem representatividade.

Eu acho que a mudança da ONU seria um sinal muito forte de que, coletivamente, nós vamos querer cuidar da paz e da democracia no mundo, do desenvolvimento social. Fora isso, eu acho que é um erro histórico a gente, em 2010, continuar com o mesmo sistema de 1948. Da mesma forma, a mudança do Banco Mundial e a mudança do FMI. Essa crise mostrou que nós temos que mudar, nós temos que mudar. Vamos ver se no G-20 a gente consegue avançar um pouquinho para mudar isso. Eu tenho muito esperança e muita fé de que a gente possa mudar um pouquinho e ter um mundo com muito mais paz e muito mais tranquilidade.

Está bom, querido?

Jornalista: Muito obrigado pela generosidade do seu tempo.

(\$31DHJMP)